

## **BREVE DISCUSSÃO DOS CONCEITOS DE SEGURANÇA, LIBERDADE E ESTADO DE EXCEÇÃO A PARTIR DA SAGA “GUERRA CIVIL” DA MARVEL**

Fábio Costa Peixoto  
José Rodrigues Duarte

IF Sudeste de Minas Gerais, Muriaé, Brasil  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Três Rios, Brasil

### **RESUMO**

As histórias em quadrinhos (HQs) são importante fonte de descrição da realidade social, assim como de seus principais dilemas - especialmente aqueles que envolvem as dimensões social e política. De uma forma ampla, a editora Marvel buscou, desde as suas origens nos anos 1960, se diferenciar da concorrência ao dar centralidade aos dramas do cotidiano e as subjetividades de seus personagens, o que a levou a abordar temas de relevância social em suas HQs. Mais recentemente, os acontecimentos desencadeados pelos atentados de 11 de setembro de 2001 trouxeram à tona questões envolvendo a insegurança e os limites do poder do Estado sobre a vida dos cidadãos. De posse desta preocupação, a recente saga “Guerra Civil” passa a reforçar estes temas, principalmente a luz do conceito de *estado de exceção* de Giorgio Agamben e do binômio liberdade/segurança de Zygmunt Bauman. Outro recurso metodológico adotado consiste na análise de discurso presente na proposta da “Guerra Civil”, da fala e do posicionamento dos heróis e de seus efeitos sobre as dimensões social e política. Desta forma, a reflexão sobre a realidade social retratada pelas HQs permitiu um melhor aprofundamento do binômio liberdade/segurança discutido inicialmente por Bauman e reforçado por Agamben, enriquecendo a proposta de um exercício de análise de HQs como um importante estratégia de compreensão das minúcias da realidade social.

**PALAVRAS-CHAVE:** quadrinhos; Bauman; Agamben.

### **A IMPORTÂNCIA DE HQS COMO REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE SOCIAL**

As Histórias em Quadrinhos (doravante, HQs) são um relevante instrumento de lazer para diversas gerações de pessoas de todas as faixas etárias. Dentre os diversos gêneros existentes, destacamos aqui as HQs de super-heróis, visto o seu alcance global em termos de publicação, periodicidade e reconhecimento para além de seu público alvo ou consumidor. Este gênero de HQs de super-heróis (essencialmente norte-americanos) se

constituem num produto cultural de massas que extrapola a sua mídia de origem, movimentando hoje em dia um considerável valor, tanto no que se refere a venda direta de revistas quanto ao merchadising e licenciamento de seus personagens<sup>1</sup>.

Dentre as editoras de HQs que publicam o gênero super-heróis, duas delas se destacam: a Marvel Comics e a DC Comics<sup>2</sup>. Estas editoras construíram, ao longo de sua existência, um repertório de histórias e personagens que marcaram épocas e gerações, perpassando questões e processos societários e históricos do século XX e início do século XXI.

Apesar de podermos colher exemplos de intersecção entre quadrinhos e processo societários em HQs de diversas editoras que trabalham com o gênero de super-heróis, nos restringiremos neste estudo a analisar apenas material produzido e publicado pela editora Marvel. Desde os anos 1960, a Marvel vem elaborando e edificando uma mitologia e um universo fantástico marcado por um instigante histórico de questões e de personagens que retratem com uma sensível proximidade a realidade social presente em boa parte das sociedades ocidentais. Além disso, uma das características que distinguiram a Marvel, quando de seu surgimento, de sua principal concorrente (a DC) foi a centralidade atribuída às vidas civis de seus super-heróis, com os problemas pessoais de seus personagens principais se tornando tão ou mais importante do que suas ações como vigilantes mascarados.

Dentre os personagens Marvel, destacamos alguns deles, como o Hulk, os X-Men e o Capitão América, que simbolizam bem a intersecção entre ficção e conjuntura social. Criado e desenvolvido nos anos 1960, o Hulk é resultado da ação da radiação sobre o ser humano e aponta para três elementos basilares: o uso militar do conhecimento científico, o risco em relação a uma guerra nuclear e o binômio homem/monstro.

O risco nuclear é incorporado a partir da reflexão de Ulrich Beck onde este autor ressalta o risco de acidentes especialmente ao se retratar o uso de tecnologias, principalmente em relação a elementos bélicos.

Já o binômio homem/monstro pode possuir inicialmente uma ênfase psicológica, mas destaca-se a sua relevância sociológica ao se considerar o peso da moral e do Estado

---

1 Um exemplo significativo desta utilização encontra-se nos diversos filmes e produtos produzidos recentemente a partir dos quadrinhos, como o Homem de Ferro, Os Vingadores, Thor, TinTin, Hellboy entre outros.

2 A primeira foi criada em 1939 e a segunda em 1937.

como ferramentas de controle social. Enquanto o homem (representado no personagem Bruce Banner) se caracteriza pela timidez, pela introversão e pelo recato cristalizado em um autêntico representante da ciência, já o monstro é caracterizado pela não inibição dos sentimentos e da presença de noções vagas de justiça o que o colocaria quase em um “estado de natureza”<sup>3</sup>

Por outro lado, os X-Men, também criados na primeira metade dos anos 1960, sinalizam para uma questão relevante nos séculos XX e XXI: o preconceito e a discriminação. Os personagens que compõem este grupo são caracterizados como mutantes, ou seja, indivíduos portadores do *gene X* que lhes conferem condição diferenciada do restante da humanidade. Logo, a questão central retratada por estes personagens se encontra no preconceito e na discriminação enfrentado ao longo de seus quase 50 anos de existência, atravessando ora momentos de maior radicalização ora uma maior flexibilização em relação a aceitação dos mutantes pela sociedade.

Cabe um valioso adendo acerca desta questão, que se comprova a partir da relação entre a aparência física e o nível de aceitação. Aqueles mutantes que possuem uma aparência física classificada como “normal” possuem uma aceitabilidade quase total até a exposição de seus poderes enquanto que aqueles que possuem uma aparência física que demonstra claramente a exposição de seus poderes são excluídos totalmente do convívio em sociedade. Dentre estes últimos, estão os morlocks – mutantes com deformações físicas que vivem proscritos nos subterrâneos de Nova York.

Por último, temos o personagem Capitão América, representante das ideias de liberdade e democracia que simbolizam os elementos basilares do país norte-americano como fica evidenciado em seu uniforme e em seu nome. Ele atua com um autêntico representante do ideário político norte-americano criado na década de 1940, resgatado na década de 1960 e agindo até os dias de hoje. Este personagem chega a primeira década do século XXI, com um dilema que é o de resistir frente a um Estado interventor especialmente no que se refere aos superpoderes, quando este buscou ao longo dos últimos anos exercer um controle mais efetivo sobre a comunidade de super-heróis.

---

3 Conceito este trazido da filosofia política clássica presente na teoria contratualista.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Este dilema adquire contornos mais extremos com a contraposição entre superseres e este Estado e vai resultar na saga “Guerra Civil” que será mais detidamente analisado mais a frente deste artigo.

## **O PESO DA POLÍTICA NAS HQS**

Uma reflexão acerca da política necessita da recuperação de uma concepção clássica de política apresentada por Hannah Arendt expressa em diversas de suas obras com um destaque maior para “A condição humana” (2008) e “O que é política?” (2007), funcionando como um *norte* para se pensar o exercício stricto sensu da política a partir das representações presentes nas HQs. Além do diálogo com Hannah Arendt, também discutimos brevemente algumas questões centrais da Ciência Política, como a relação entre sociedade civil e o Estado a partir do papel dos super-heróis nesta relação.

O diálogo com Hannah Arendt é pautado na discussão em torno de sua concepção de política, a qual é estruturada a partir do contato entre os indivíduos, ou seja, em um estado de interação social. Esta concepção nos auxilia a compreender que a política se realiza a partir da busca por liberdade que repercute decisivamente na tarefa de perceber a importância desta frente ao processo de instalação de regimes totalitários, também analisado por ARENDT (2007).

Logo, um diálogo com esta autora adquire relevância através de sua associação com a concepção de segurança que, no cerne dos discursos autoritários, conferiu substância ao discurso justificador da adoção de medidas autoritárias.

Associado a esta discussão, apresenta-se a clássica relação entre sociedade civil e Estado, sem, no entanto nos atermos a definição das mais distintas perspectivas teóricas, mas sim a relação em si e como o elemento super-herói se relaciona nesta dicotomia. Assim, esta análise procura um novo formato desta relação, a partir da presença de personagens oriundos da sociedade civil, mas que executam tarefas que são monopólio do Estado, com a manutenção da ordem - principalmente no que se refere ao crime como, exemplificado na figura dos “heróis urbanos” como o Homem Aranha e o Demolidor<sup>4</sup>. É

---

<sup>4</sup> Estes heróis urbanos são dedicados a combater o crime cotidiano como as redes criminosas, leiam-se máfias e traficantes de drogas, e pequenos bandidos que praticam furtos, assaltos e crimes contra o patrimônio.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

este novo formato que nos permite elaborar uma série de indagações, como por exemplo, a incapacidade do Estado de prover segurança. Além disto, fornece também um indicativo de uma maior centralidade da sociedade civil e reforça a concepção de segurança na ação do Estado em tutelar esta força (super-heróis) que antes era monopolizado pelo Estado.

A incapacidade do aparato estatal em fornecer segurança à sociedade se configura numa situação que tem se demonstrado extremamente sensível, especialmente nas grandes metrópoles, onde os elevados índices de criminalidade indicam o isolamento espacial das elites, reforçando a necessidade de um nível maior de segurança - principalmente no restante da cidade. Então, especialmente, os “heróis urbanos” vão adquirir uma importância singular neste contexto.

Cabe uma consideração relevante que é o papel destes “heróis urbanos” e o seu posicionamento em relação ao Estado. Uma observação mais criteriosa acerca desta relação nos possibilita afirmar a existência de um processo de acomodação destes “heróis urbanos” frente ao Estado sem um enfrentamento, o que fica aparente em uma política de valorização destes personagens,<sup>5</sup> especificamente no que concerne ao combate ao crime urbano.

Por outro lado, a presença de super-heróis permite uma interpretação onde a sociedade civil os utilizaria como uma estratégia para obter o que ela buscou com a proposta do “contrato social”. Desta forma, a sociedade civil, de certa forma, adquire uma centralidade ao fornecer a estes indivíduos um papel e um símbolo a serem seguidos pela própria sociedade civil.

Então, a importância de se elaborar a flexibilização desta clássica relação provém da proposta de executar um exercício de articulação teórica a partir dos HQs a qual esta reflexão pretende atender.

Como última questão a se explorada neste momento encontra-se a tentativa do Estado de desequilibrar a relação através da tutela deste sobre os super-heróis, estes como portadores da utilização da força<sup>6</sup>, que era monopolizado pelo Estado.

---

5 Um exemplo desta valoração positiva se dá com o apelido que o próprio Homem Aranha recebe: o “amigo da vizinhança”.

6 A teoria contratualista propõe um acordo entre a sociedade civil e o Estado, onde o primeiro fornece a sua capacidade de agir para o segundo, no qual este, através do monopólio do uso da força, se propõe a manter a segurança de todos.

Esta interpretação ousada da teoria contratualista se propõe, não a ser uma posição determinista, mas a fomentar novos olhares sobre esta teoria, ainda mais motivada pela inclusão de novas variáveis que alteraram a dinâmica da sociedade e que são de extrema necessidade para se atualizar esta teoria.

O reforço do Estado nesta relação fica evidente através do reforço da retomada do monopólio da força a partir da tutela dos super-heróis sob a sua influência direta. Esta tutela sempre foi cogitada, mas só se efetivou devido a um contexto específico e cujo estímulo maior foi o massacre ocorrido na cidade de Stamford<sup>7</sup> (Connecticut – EUA), tal como demonstrado na saga “Guerra Civil”.

Assim, esta tentativa de tutela instala as pré-condições para a implementação de um Estado de cunho autoritário que se instala sob a premissa da necessidade de uma sociedade mais segura onde ele acaba adquirindo uma forma mais rebuscada com a criação de Lei de registro de super-humanos<sup>8</sup>.

A contribuição de Hannah Arendt acerca do totalitarismo e de seu processo de construção social e a de Zygmunt Bauman sobre o binômio liberdade/segurança iluminam o contexto da saga Guerra Civil. Eles incentivaram a instalação de uma centralidade maior do Estado principalmente através da recuperação do monopólio do uso da força, leia-se o controle dos “superpoderes”. O novo perfil de Estado apresentado nesta etapa caracteriza a saga Guerra Civil e a singulariza, pois ao enfatizar o eixo segurança, ele recupera uma preocupação pós-moderna fartamente destacada por Zygmunt Bauman (1998;1999) que se materializa no controle do Estado sobre o poder dos sobre-humanos com o objetivo de fornecer segurança a partir da ação do aparato policial do Estado.

Este contexto será mais detidamente exposto e analisado no decorrer da descrição da saga Guerra Civil, de seus discursos e do simbolismo de seus principais personagens.

## **OS DISCURSOS DA “GUERRA CIVIL”**

*De que lado você está?*

---

7 Este massacre ocorreu como resultado de um confronto entre um grupo de jovens heróis e um grupo de supervilões fugitivos durante a gravação de um *reality show* ocasionando em uma explosão que matou aproximadamente 800 pessoas.

8 Esta lei foi criada com o propósito de obrigar todos os super-heróis a revelarem as suas identidades secretas e a atuar apenas sob a tutela do Estado.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

A ação precipitada de um grupo de jovens super-heróis acarreta uma tragédia sem precedentes, deixando um saldo de centenas de mortos. Diante da pressão popular, o governo sanciona uma lei determinando que todos os superseres sejam registrados. A iniciativa divide a comunidade heroica como nunca antes. De um lado, a facção pró-registro liderada pelo Homem de Ferro; do outro, os contrários a medida tendo a frente o Capitão América. E você, de que lado está?( MILLAR, Mark e McNIVEN, Steve, 2010. 4a. capa)

Esta etapa da reflexão é constituída por três momentos: o primeiro, a descrição geral da saga; o segundo, a apresentação de alguns discursos emblemáticos de alguns de seus personagens e, por último, uma análise destes discursos assim como de algumas considerações que indiquem para o item seguinte, onde serão discutidos os conceitos centrais deste artigo: a liberdade, a segurança e o *estado de exceção*.

Uma análise atenta nos mostra que as falas de alguns personagens são emblemáticas na delimitação dos discursos presentes, nos quais são enfatizadas as concepções de liberdade e, sobretudo, segurança.

O sentimento de busca por segurança foi deflagrada com a exposição pela TV do massacre de Stamford (Connecticut) onde foram mortas por volta de 800 pessoas incluindo crianças. Esta tragédia recebeu o impulso da ação dos sobreviventes, que passaram a atuar firmemente na tarefa de controlar os super-heróis.

A fala da sra. Sharpe<sup>9</sup> que afirma que “Quem diz há anos pros jovens que podem viver fora da lei desde que usem colantes?” e “O sr. Bilionário (Tony Stark<sup>10</sup>) aqui garante que basta ter poderes e fazer pose de machão para montar a sua própria *supergangue*<sup>11</sup>”. Estas falas são bem ilustrativas da ausência da ação do Estado em relação a tarefa de regular o que poderia ser indicado como uso particular da força, mas para o uso coletivo que não inibiu uma série de questionamentos sobre a sua autonomia.

Estes questionamentos são encontrados também no interior dos grupos de super-heróis como se observa no diálogo entre o Jaqueta Amarela e o Wolverine<sup>12</sup>:

---

9 Esta senhora, cujo filho morreu no massacre de Stamford, aparece ao longo da trama como a grande incentivadora do controle dos super-heróis como forma de evitar futuros massacres.

10 A identidade secreta do Homem de Ferro.

11 Neste caso, os Vingadores, que são financiados por Tony Stark.

12 Este é um mutante que ao longo de sua história como indicado no item anterior já sofria uma pressão anterior no que concerne as restrições a sua atuação.

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Jaqueta Amarela: - “Está brincando? Tivemos sorte das pessoas terem nos *tolerados* por tanto tempo. Por que deveríamos ter permissão para nos esconder atrás dessas coisas?”

Wolverine: - “Porque o mundo não é tão cor-de-rosa fora da tua torre de marfim, xará.” (MILLAR, Mark e McNIVEN, Steve, 2010)

Este diálogo mostra um sentimento preexistente de uma certa tolerância em relação aos super-heróis o que contrasta com a fala de Wolverine que enfatiza que ao fazer o que se considera o correto eles não minimamente reconhecidos, no caso dos mutantes que são tradicionalmente discriminados.

Esta discussão no interior da sociedade civil se mostrou frutífera assim como em representantes do Estado, legalmente ou informalmente, também foi confrontado pelo dilema liberdade/segurança na análise de Zygmunt Bauman através da fala muito pertinente de um símbolo clássico da liberdade: o Capitão América.

Um diálogo relevante que evidencia esta dicotomia e a nova postura adotada pelo Estado torna-se necessário neste momento. Ao ser confrontado com a proposta de tutela dos super-heróis ao Estado, o Capitão América responde: “Esta me pedindo para prender pessoas que arriscam suas vidas por este país sete dias da semana”. E Laura Hill<sup>13</sup> retruca: “Não, estou pedindo que você obedeça a vontade do povo norte-americano, Capitão”. E este encerra o diálogo com “Não venha com *politicagem* para cima de mim, Hill. Super-heróis precisam estar *acima* dessas coisas, Washington vai começar a nos dizer *quem* são os *supervilões*.”

Este diálogo é ilustrativo de algumas questões centrais importantes para nossa reflexão: a importância do super-herói para a sociedade; a questão da representatividade política e a necessidade de se separar a sociedade civil do Estado.

A importância do super-herói se configura na sua dedicação intensiva ao bem comum e a demonstração de um sentimento quase que altruísta no qual ele pode dedicar até o sacrifício de sua vida em prol de uma sociedade melhor como indagou Emilé Durkheim<sup>14</sup>.

---

13 Oficial da Shield. A Shield é uma organização governamental de manutenção da ordem pública onde os super-heróis estarão alçados após a Lei de Registros Super-Humanos.

14 Em sua célebre obra “O suicídio”.



Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Por outro lado, o Estado é pensado como o representante único do povo, como se este não fosse apenas um servidor da sociedade civil. Este elemento fica evidenciado na fala do Capitão América quando enfatiza que a ação dos super-heróis não pode ficar dependente da vontade do Estado pois ele desequilibraria a relação Estado/Sociedade Civil.

Esta normatividade proposta pelo Estado acaba desvirtuando ação do super-herói especialmente ao definir quem seria o super-vilão a ser combatido como afirma a última expressão do Capitão América.

Como o auge destes discursos, expomos aqui um diálogo entre o Homem de Ferro e o Capitão América onde o primeiro afirma que o “O público *não quer* máscaras e identidades secretas. Todos querem se sentir seguros quando estamos por perto e não há outra maneira de reconquistar o *respeito* das pessoas” e “O que você precisa entender é que há forças na S.H.I.E.L.D. e no Governo que adorariam tornar *todos* os super-humanos ilegais”.

Estas falas do Homem de Ferro apontam para um relativo saturamento de certos indivíduos em relação a ela potencializado pela necessidade de segurança o que evidencia uma contradição de relevante significado, pois a própria sociedade civil com esta postura confere a sua importância ao Estado.

De uma forma ampla, os discursos apresentados nesta etapa da reflexão indicam para uma disputa intensa entre os pólos da dicotomia liberdade/segurança que refletem decisivamente na relação Estado/Sociedade Civil.

Ela indica um caminho para o *estado de exceção* analisado por Agamben e que afeta na individualidade, representada pela identidade secreta dos super-heróis colocando em cena a dicotomia público/privado.

Esta dicotomia e a questão da identidade coloca em debate a intervenção estatal no âmbito privado e as suas consequências políticas. De uma forma ampla, o desejo por segurança tem deixado de lado direitos associados aos indivíduos defendidos vastamente pela teoria política clássica em prol de um processo de publicização que fortalece os laços do público e do Estado, estando este no centro da relação.

Logo, estes conceitos iluminam o próximo momento desta reflexão se utilizando destes discursos para uma melhor imersão dos conceitos de liberdade, segurança e *estado*

*de exceção* dentro do contexto da saga “Guerra Civil” buscando sempre relacionar esta discussão a sociedade contemporânea.

## **LIBERDADE, SEGURANÇA E ESTADO DE EXCEÇÃO NA GUERRA CIVIL**

Este momento da reflexão possui duas etapas significativas: a primeira acerca dos discursos apresentados até o momento. E a segunda, a elaboração de uma interface mais sólida entre estes discursos e os conceitos de liberdade/segurança e o processo de formação de um *estado de exceção*.

O binômio liberdade/segurança adquire centralidade na preocupação de Zygmunt Bauman, desde a sua obra “O mal estar da pós-modernidade” (1998) onde este autor sinaliza para o papel da liberdade e a sua diferenciação entre a liberdade individual e a coletiva. Para Bauman, a “liberdade é o nosso destino: uma sorte de que não se pode desejar o afastamento e que não se vai embora por mais intensamente que possamos desviar dela os nossos olhos” (BAUMAN, 1998, p.251)

Esta ênfase é confirmada principalmente através do discurso do Capitão América, que destaca a liberdade como uma das premissas da sociedade norte-americana e que não poderia ser controlado pelo Estado pois este, em sua concepção estaria definindo o que seria certo ou errado ou quem seria os supervilões.

Por outro lado, a ação do Estado é enfatizada por este autor quando ele assinala em “Globalização: as consequências humanas” (1999) através de sua tarefa de manutenção da ordem pois ela

(...) requer imersos e contínuos esforços para depurar, transferir e condensar o poder social, o que por sua vez exige recursos consideráveis que somente o Estado, na forma de um aparelho burocrático hierárquico é capaz de reunir, concentrar e usar. (BAUMAN, 1999, p.69)

Assim, as falas de personagens como a Sra. Sharpe, Jaqueta Amarela, Laura Hill e especialmente, o Homem de Ferro, indicam que esta tendência do Estado depura e aperfeiçoa as estratégias de reforço de seu poder social e é executado através da elaboração

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

de discursos e de doutros artifícios como o emprego de recursos materiais e da violação do Direito, como assinala Agamben(2004).

Logo, Bauman avança como em sua discussão ao contrapor esta dicotomia com uma profundidade maior ao afirmar que “a segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito” (BAUMAN, 2003, p.10) pois ela tem que ser pensada em conjunto pois ela é afetada pelo reforço do sentimento de insegurança que é acentuado pelo que Bauman denominou com a “modernidade líquida”.

Este reforço ocorre devido

(...) a promoção da segurança [que] sempre requer o sacrifício da liberdade enquanto esta só pode ser ampliada a custa da segurança. Ela também torna a vida em comum um conflito sem fim, pois a segurança sacrificada em nome da liberdade tende a ser a segurança dos *outros*; e a liberdade sacrificada em nome da segurança tende a ser a liberdade dos outros. (BAUMAN, 2003,p.24)

Ela suscita a seguinte indagação: o incentivo ao reforço a segurança induziria durante o seu processo de implementação, a formação de um *estado de exceção*?

Giorgio Agamben engendra uma reflexão sobre a formação de um “estado de exceção” a partir da compreensão do totalitarismo moderno que é definido por ele como a

(...) instauração, por meio de um estado de exceção, de uma guerra civil legal, que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareceram não integráveis ao sistema político. (AGAMBEN,2004,p.13)

Além desta característica, o “estado de exceção” é especificado também pela suspensão do direito fundamental a vida assim como a sua conversão em um estado anômico. A ênfase dada nestes aspectos justifica-se pelo fato dele criar o que Agamben denominou como “força de lei sem lei” como um momento de interrupção do direito.

A principal consequência deste ato é a suspensão das determinações jurídicas - inclusive aquela entre público e privado- encontram-se desativadas. Esta é ressaltada por Agamben assim como Walter Benjamin e Carl Schmitt especialmente ao convergirem na proposição de que o “estado de exceção” é reafirmado como uma zona de anomia.

Então, uma análise da saga “Guerra Civil” que se utilize do conceito de *estado de exceção* permite uma compreensão ampla desta saga, pois ao enfatizar a perda de direitos fundamentais como a vida e a liberdade origina-se uma zona anômica onde o acesso a estes direitos ficam em suspenso.

De posse desta compreensão destes elementos, a violência pode ser empregada com a finalidade de manter a segurança coletiva deixando de lado a segurança individual reforçando a zona de anomia como um “vazio” do agir político o que evidencia com maior clareza o *estado de exceção*.

A dicotomia liberdade/segurança e a sua associação com este modelo de Estado estabelece duas questões centrais: a sua proximidade pensada a partir da premissa de que são pertencentes a único processo e a proposta que a submissão de enunciados vitais a sociedade norte-americana e mais recentemente no Brasil foram deixados marginais frente a um processo político contemporâneo e de fácil aceitação por consideráveis segmentos sociais de qualquer sociedade.

Então, a proximidade entre a segurança e a sua busca assim como o *estado de exceção* explica-se que em momentos de grandes crises societária, a demanda pelo primeiro item aumenta consideravelmente fazendo com que premissas antes inquestionáveis passem a ser marginais com a adoção de uma racionalidade maquiavélica fazendo com que sejam rompidos com uma inacreditável rapidez, como evidenciado com a morte de um super-herói (o Golias), a prisão injustificável de diversos outros super-heróis e a submissão da liberdade a este *estado de exceção*.

Traçando um paralelo com famosa obra ficcional surgida em outra mídia, este sentimento é francamente identificado na fala de uma personagem do filme *Star Wars Episódio 3 – A vingança dos Sith*<sup>15</sup>, quando do momento da instalação do Império Intergaláctico, a princesa Padmé afirma: “quando a liberdade morre, as pessoas aplaudem”.

## **FIOS SOLTOS – OU: ABRINDO NOVOS CAMINHOS**

---

<sup>15</sup> Filme dirigido por George Lucas e produzido e distribuído pela 20th Century Fox (2005)

Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

Este artigo permitiu ampliar a discussão acerca da relação entre as representações presentes nos HQs e a sua proximidade com o mundo social e mais ainda possibilitou fortalecer um novo campo do conhecimento como proposto neste momento.

A oferta deste grupo de trabalho sobre a “Sociologia das Histórias em Quadrinhos” tem representado um espaço valioso na tarefa de fomentar um novo ramo da Sociologia.

Especificamente, esta reflexão pretendeu apresentar algumas questões que nortearam esta discussão: a análise da saga “Guerra Civil”; os conceitos de liberdade, segurança e “estado de exceção” e as suas intersecções.

A proposição desta relação possibilitou indicar algumas questões a serem melhor exploradas na continuidade desta discussão, como o processo de transposição da busca pela segurança até a implementação do *estado de exceção* e a observância de uma instalação de um processo de suplantação da política em “tempos sombrios” parafraseando Hannah Arendt

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

ARENDDT, Hannah. **O que é política?** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **As origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. **Globalização**: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.



Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo – 20 a 23.08.2013

BECK, Ulrich. **Sociedade de Risco**: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.

DURKHEIM, Emilé. **O suicídio**. Lisboa: Editorial Presença, 2007.

MILLAR, Mark e McNIVEN, Steve. **Guerra Civil**. Barueri: Panini Books, 2010.